

A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia (I)

JOÃO ALBERTO SOUSA CORREIA

Introdução

A Eucaristia é tão importante na vida da Igreja que o Concílio Vaticano II a definiu como «fonte e centro de toda a vida cristã»¹, tendo afirmado que «nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e o seu centro na celebração da santíssima Eucaristia»². Disse ainda que, pela Eucaristia, «a Igreja vive e cresce»³. É, sem dúvida, o sacramento essencial do cristianismo e, por isso, é legítimo afirmar que «a Igreja vive da Eucaristia»⁴ ou, por outras palavras, Igreja e Eucaristia é um binómio indivisível, porque uma sem a outra tornam-se insustentáveis.

A Igreja vive da Eucaristia que, por seu turno, se fundamenta, inspira e revigora na Escritura. Abordar a questão da *Eucaristia na Bíblia* e da *Bíblia na Eucaristia* é, por isso mesmo, mergulhar nos alicerces em que, quer a Igreja quer a Eucaristia se fundamentam e contribuir para o reforço e a solidificação da fé.

Na primeira parte deste artigo, que agora é publicada, abordamos apenas a *Eucaristia na Bíblia*, ficando a parte relativa à *Bíblia na Eucaristia* para uma ulterior publicação⁵. Por agora, falamos dos antecedentes da Eucaristia no AT (a importância

¹ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, 11.

² CONCÍLIO VATICANO II, Decreto sobre o ministério e a vida dos sacerdotes, *Presbyterorum Ordinis*, 6.

³ *Lumen Gentium*, 26.

⁴ JOÃO PAULO II, *A Igreja vive da Eucaristia*, 1.

⁵ Na segunda parte do estudo, abordaremos a presença e o uso da Bíblia na organização do ano

da mesa, a mesa do sacrifício, o memorial e a Páscoa); afluímos a problemática das refeições judaicas no tempo de Jesus, pela importância que alguns dos seus elementos ou rituais tiveram na forma e no espírito da Eucaristia, assim como pelo contributo que prestam ou podem prestar no processo da sua compreensão; apresentamos um estudo sumário dos principais textos neo-testamentários referentes à instituição da Eucaristia e daqueles que falam das exigências que se colocam em ordem à sua celebração, assim como das consequências que daí derivam para a vida cristã.

A natureza (apresentação sumária dos textos relativos à Eucaristia), a finalidade e objectivos (levar a um conhecimento mais amplo, na extensão, do mistério da Eucaristia) deste estudo fazem com que dispensemos considerações muito específicas ou pormenores técnicos, pelo que, a respeito, remetemos para as obras da especialidade, do âmbito quer dos estudos bíblicos⁶ quer dos litúrgicos⁷.

I – A Eucaristia na Bíblia

Já muito antes da instituição da Eucaristia se falava do acto de comer à mesa e seus significados – um acto quase tão antigo como a humanidade⁸ –, assim como dos sacrifícios rituais. Quer um quer outro interferiram, em parte, na progressiva definição da Eucaristia e da sua importância.

Do *Antigo* ao *Novo Testamento*, passando pelo período inter-testamentário onde situamos as refeições no tempo de Jesus, a Sagrada Escritura apresenta diversos textos que nos preparam para a Eucaristia (*AT*), ou no-la apresentam na sua identidade, significados, objectivos e exigências dela decorrentes para a vivência cristã individual e comunitária (*NT*).

1. Os pressupostos ou antecedentes da Eucaristia (*Antigo Testamento*)

Não podemos falar de Eucaristia no *AT*, porque ela apenas foi instituída por Jesus Cristo. Contudo, há nele alguns textos que ajudam a compreendê-la melhor,

litúrgico, sobretudo no que diz respeito à escolha das leituras (Liturgia da Palavra) e na estrutura, fórmulas e conteúdos da celebração da Eucaristia.

⁶ O leitor pode encontrar aprofundamentos significativos das questões abordadas em X. BASURKO, *Para compreender a Eucaristia*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 2004 e em X. LÉON-DUFOUR, *O partir do pão eucarístico segundo o Novo Testamento*, Ed. Loyola, São Paulo 1984.

⁷ D. BOROBIO, *La celebración en la Iglesia*, I. *Liturgia e sacramentologia fundamental*, ed. Sígueme, Salamanca 1985; J. LÓPEZ MARTÍN, «En el espíritu e la verdad». *Introducción a la liturgia*, ed. Secretariado Trinitario, Salamanca 1987; P. JOUNEL, *A Missa ontem e hoje*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 1988; K. RAHNER, *A Eucaristia e os homens de hoje*, ed. Paulistas, Lisboa 1967².

⁸ Sobre este assunto, cfr. X. BASURKO, *o. c.*, pp. 15-45.

porque apresentam alguns dos seus pressupostos ou antecedentes e porque «a eucaristia cristã surge dentro de uma cultura na qual todas as refeições, só por si, têm um profundo significado religioso»⁹. É nesta perspectiva que abordaremos a importância da mesa (do alimento ou do banquete), da mesa do sacrifício, da noção hebraica de *memorial* (*zikkaron*), bem como da Páscoa judaica, nas suas leis, rituais e exigências, aspectos sempre presentes na celebração da Eucaristia.

1.1. A importância da mesa

Além da habitual aceção de lugar do alimento, a mesa assume no AT uma função social que se manifesta em aspectos diversos e diferenciados: é o espaço da relação, da resolução dos problemas e da reconciliação (2 Sm 3, 20; Jr 19, 4-8), da aliança e da familiaridade (Gn 26, 26-33; 31, 44-54). Nesse sentido, são diversos os textos do AT que falam da mesa e do alimento, da sua necessidade e importância para a vida, assim como da felicidade que uma boa e abundante refeição proporciona. Um dos textos mais típicos é Is 25, 6: «no monte Sião, o Senhor do universo preparará para todos os povos um banquete de carnes gordas, acompanhadas de vinhos velhos, carnes gordas e saborosas, vinhos velhos e bem tratados».

Espaço de socialização, a mesa é não só o lugar do alimento do corpo, mas, por excelência, o lugar em que o espírito se alimenta pelo reforço da familiaridade e da solidariedade.

Frequente é também no AT o pão e a Palavra andarem juntos (Dt 8, 3; Am 8, 11). Deus promete lançar a fome sobre o país, não uma fome de pão, mas fome de ouvir as suas palavras (Am 8, 11), porque «nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Dt 8, 3). Destinados a alimentar o corpo e o espírito, o pão e a palavra andam de mãos dadas, completam-se e são para a humanidade os bens essenciais com os quais se nutre a sua existência.

1.2. A mesa dos pães da oferenda e dos sacrifícios

A mesa dos pães da oferenda (Ex 25, 23-30; 37, 10-16) e a mesa dos sacrifícios ou altar (Ex 20, 22-26) não deixam de ser dois sinais interessantes a apontar para a importância da mesa, do pão e das ofertas feitas a Deus.

Dando a religião judaica uma importância particular aos sacrifícios, o altar do Templo de Jerusalém assume uma acrescida carga de significado, por ser a

⁹ X. BASURKO, *o. c.*, p. 40.

mesa em que eles se realizam. Aí têm lugar os *holocaustos*¹⁰ (*Ex* 29, 10-18; *Lv* 1, 1-17), os *sacrifícios de comunhão*¹¹ (*Lv* 3; 7, 11-21), os *sacrifícios expiatórios* (*Lv* 4; 16; *Nm* 15, 22-31) e as *ofertas de cereais* (*Lv* 2; 6, 7-16). Não entramos na apresentação e estudo pormenorizados destes sacrifícios¹², apenas constatamos que eles tinham, em Israel, a finalidade de agradar a Deus, aplacar a sua cólera e alcançar para o povo perdão e favores divinos.

Quando, há umas décadas atrás, se falava de Missa ou Eucaristia, sublinhava-se quase exclusivamente a sua dimensão de sacrifício. Ou seja, além de se sobrevalorizar a morte de Jesus Cristo nela celebrada, ela era vista (quase) somente como um resgate pelos pecados da humanidade. Porém, no texto bíblico, a Eucaristia é isso e mais do que isso, como teremos oportunidade de constatar.

1.3. O memorial¹³ (*zikkaron*)

Os grandes acontecimentos ou as grandes intervenções de Deus em favor do seu povo são expressos, na linguagem do *AT*, pelos verbos «recordar-se» ou «lembrar-se» (*Gn* 8, 1; 9, 15; *Ex* 6, 5; *Sl* 78, 39). Por seu turno, o grande pecado de Israel, a sua grande infidelidade, sempre consistiu em esquecer-se das obras de Deus em seu favor (*Sl* 78, 42; *Os* 2, 15).

No sentido bíblico, recordar-se não é apenas lembrar um acontecimento passado, é antes torná-lo presente. Os acontecimentos bíblicos não são resquícios de um tempo que já lá vai, são realidades tornadas presentes na sua celebração. Assim, cada geração sente-se contemporânea dos factos recordados, porque a sua condição e identidade presentes são manifestamente devedoras do seu passado¹⁴.

¹⁰ Neste tipo de sacrifício, o animal oferecido a Deus é inteiramente queimado. A palavra parece vir da raiz hebraica «alah» que significa «subir»: a vítima sobe sobre o altar e o fumo sobe em direção a Deus.

¹¹ O animal é dividido entre Deus, o sacerdote e aquele que o oferece e tem como finalidade restabelecer a relação entre Deus e os seus fiéis.

¹² Para aprofundamento, cfr. F. GARCÍA LÓPEZ, *El Pentateuco. Introducción a la lectura de los cinco primeros libros de la Biblia*, ed. Verbo Divino, Estella 2003, pp. 218-224; A. MARX, *Os sacrifícios no Antigo Testamento*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 2004; P. BUIS, *O Levítico. A Lei de Santidade*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 2006, pp. 11-12.

¹³ Não existe na língua portuguesa um termo que traduza toda a densidade de significado da palavra hebraica *zikkaron*. O substantivo que melhor exprime a recordação de que estamos a falar é o termo «memorial».

¹⁴ O êxodo é, a este respeito, o acontecimento mais significativo: mesmo não tendo feito a experiência física da libertação do Egipto (meados do séc. XIII a. C.), todos os israelitas de todos os tempos viviam e falavam do acontecimento como se por ele tivessem passado. O acto de recordar

O sinal visível que recordava e transpunha para o tempo presente os acontecimentos do passado era designado habitualmente pelo termo *zikkaron* que significa lembrança, recordação, memorial (*Gn* 31, 45-54)¹⁵. Da designação do sinal, o termo passou a designar o próprio acto de recordação e transposição.

A liturgia é vista, em Israel, como um *zikkaron* (memorial) das maravilhas de Deus (*Sl* 111, 4: «Deixou-nos um memorial das suas maravilhas...»), ainda que o termo seja usado por excelência para o rito pascal (*Ex* 12, 14; 13, 9). Por isso mesmo, «era nas suas celebrações litúrgicas que Israel tomava mais vivamente consciência da presença do passado na sua actualidade»¹⁶. O memorial é a «presença real» do passado histórico no presente cultural¹⁷, conforme se pode deduzir da leitura de *Sl* 48, 9 e 132, 6-7 e de alguns outros textos da literatura sapiencial.

1.4. O êxodo, o maná e a Páscoa

A narração da Páscoa encontra-se em *Ex* 12, 1-20 e em *Dt* 16, 1-8, reportando-se à libertação de Israel da opressão do Egipto¹⁸, no séc. XIII a. C. (êxodo). Porém, a festa da Páscoa (*pessah*, em hebraico) é muito anterior. Já existiria provavelmente no tempo dos patriarcas para falar da passagem dos rebanhos dos seus acampamentos para novas pastagens (transumância), no começo da primavera (início do verão, em Israel)¹⁹.

Após a saída do Egipto e a celebração cultural do acontecimento, a festa da Páscoa adquire um significado novo: o povo de Israel deixa a escravidão do Egipto e *passa* pelo deserto a caminho da Terra Prometida. O termo «Páscoa» começa, aos poucos, a designar esta passagem. E a partir daí, «a Páscoa

tornava presente o passado distante e este passado transformava verdadeiramente o presente e preparava o futuro.

¹⁵ Da raiz *zakkar*, que significa «lembrar-se», «recordar».

¹⁶ L. MONLOUBOU, «O Antigo Testamento à mesa», in AA. Vv., *A Eucaristia na Bíblia*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 1985, p. 12.

¹⁷ *Ibid.*, p. 13.

¹⁸ O facto de os textos citados se reportarem à libertação de Israel da opressão do Egipto não significa que sejam descrições ou relatos históricos dos acontecimentos. Sem excluir o nível histórico, convém ter em conta que o texto, escrito muito depois dos factos que narra, espelha já o nível celebrativo dos mesmos. De facto, os textos referidos não são uma crónica dos acontecimentos do século XIII a. C., mas fruto da interpretação celebrativa dos mesmos. Tendo surgido pelos séculos VI e V a. C., são fruto de um longo processo celebrativo e legislativo acerca da Páscoa.

¹⁹ Sobre este assunto, cfr. A. MARCHADOUR, «A Páscoa. Sua evolução até ao tempo de Jesus», in AA. Vv., *A Eucaristia na Bíblia*, pp. 14-16; F. GARCÍA LÓPEZ, *o. c.*, pp. 164-166; R. DE VAUX, *Les institutions de l'Ancien Testament*, II, ed. du Cerf, Paris 1960, p. 394.

será o rito fundador, pelo qual, cada ano, o povo de Israel celebra a saída do Egipto, a passagem da servidão ao serviço de Deus, da morte à vida»²⁰.

Na passagem pelo deserto, assume particular importância o maná com que Deus alimenta o seu povo (*Ex* 16, 1-21; ; *Nm* 11, 1-15). Pese a sua inferioridade, ele é um primeiro sinal do pão da vida e, por isso mesmo, da Eucaristia (cfr. *Jo* 6, 31-33.49).

De forma sumária, apresentámos até ao momento os aspectos do *AT* que têm uma relação mais directa com a celebração da Eucaristia – designámo-los antecedentes ou pressupostos.

Na base da apresentação que o *NT* fará da Eucaristia, estarão sempre as principais ideias do *AT*: a mesa (a refeição) e a sua importância humana, social e espiritual (na Eucaristia, acolhido o perdão de Deus e da comunidade, os cristãos reunidos em comunidade à volta das mesas do ambão e do altar são alimentados pelo pão da Palavra de Deus e do corpo de Cristo); o sacrifício (na Eucaristia, o pão, o vinho e a vida dos que nela participam são oferecidos a Deus em acção de graças e renova-se o sacrifício de Jesus Cristo); o memorial (na Eucaristia, torna-se sacramentalmente presente o mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus) e a Páscoa (na Eucaristia, celebra-se a passagem do povo de Israel do Egipto à Terra Prometida, a passagem de Cristo da morte à vida, a passagem do pecado à graça de Deus na vida dos crentes)²¹. Todos estes conceitos e práticas judaicas são antecedentes, pressupostos ou alicerces em que se apoia uma das mais específicas instituições neo-testamentárias, a Eucaristia.

2. As refeições no tempo de Jesus (*Inter-testamento*)²²

A refeição judaica deveria decorrer sob o signo da pureza ritual que tinha em vista a santidade de Israel (separação em relação a outros povos, a fim de evitar a idolatria). É neste contexto que se devem situar e interpretar as abluções

²⁰ A. MARCHADOUR, *a. c.*, p. 15.

²¹ Encontramos aqui os fundamentos para o facto de João Paulo II ter chamado ao Domingo a «Páscoa da Semana» (*O dia do Senhor*, 1).

²² Rigorosamente, o tempo de Jesus não faz ainda parte do *NT*, mas sim de um período de tempo que se designa habitualmente por *Intertestamento*. Citamos com frequência textos do *AT*, porque a cultura e a forma de viver do tempo de Jesus está orientada pelas leis vetero-testamentárias e pela interpretação que delas fazia toda a literatura extra-bíblica do judaísmo (sistema religioso do período do Segundo Templo, entre o cativo da Babilónia e a destruição do Templo de Jerusalém [70 d. C.], caracterizado pela importância dada à Lei e ao Templo de Jerusalém).

rituais (*Mc* 7, 3-4; *Mt* 15, 2; *Lc* 11, 38; *Jo* 2, 6), as lavagens rituais das taças, dos cântaros e dos pratos (*Nm* 31, 22-24; *Mt* 23, 25)²³.

As regras concernentes à escolha dos alimentos e as proibições em relação a alguns deles que, segundo as normas, tornavam o homem impuro eram muitas e muito variadas. Duas eram de grande relevância: a proibição do sangue, porque se pensava que a vida estava aí (*Lv* 7, 26-27; 17, 10-14); a separação entre o leite e a carne (*Ex* 23, 19; 34, 26; *Dt* 14, 21), porque o leite aponta para o cuidado e a responsabilidade pela conservação da vida.

Ainda que excessivo para a nossa mentalidade actual, este ritualismo tinha a preocupação fundamental de preservar os israelitas do contacto com os pagãos e de afastá-los da idolatria (*Tb* 1, 10-11; *Dn* 14, 21; *Ez* 33, 25), promovendo a santidade do povo da aliança (*Ex* 22, 30; *Lv* 11, 44-45).

A Páscoa apresentava ritos muito próprios e específicos de que se destacam a purificação do fermento (*Ex* 12, 15.19; 13, 7) e a escolha de um cordeiro sem defeito nem mancha (*Ex* 12, 5-6; *Dt* 12, 6). Da primeira exigência faz-se eco Paulo, em *1 Cor* 5, 7 («Purificai-vos do velho fermento, para serdes uma nova massa, já que sois pães ázimos»); da segunda, dá conta *1 Pd* 1, 19 («[...] Cristo, qual cordeiro sem defeito nem mancha»).

A presença de convidados à mesa tinha também as suas regras e exigências: deviam ser dignos (respeitadores da Lei) e apresentar-se dignamente. Não admira que a comensalidade de Jesus com os publicanos e pecadores gerasse escândalo e suscitasse tantas reservas por parte dos fariseus (*Mt* 9, 10-11; *Mc* 2, 15-16; *Lc* 5, 29-30). A preocupação era sempre a mesma: evitar a cumplicidade com o pecado e a idolatria, assim como a contaminação que, nessas circunstâncias, a partilha da mesa poderia gerar. Superior a isso, Jesus ultrapassa as limitações da lei e, desse modo, persegue objectivos bem diversos.

A presidência da mesa pertencia ao dono da casa, a menos que este a cedesse a um hóspede de consideração. Na mesa de honra, destinada a três pessoas, sentava-se o dono da casa, à sua direita o convidado mais importante (o «lugar do alto», assim se chamava, era o mais cobiçado) e todos os outros convidados eram escalonados a partir daí, de acordo com a sua importância.

As refeições eram duas por dia (a do meio dia e a do entardecer)²⁴ e deveriam caracterizar-se por alguma sobriedade (*Sir* 31, 12-25) que não tinha que se confundir com um ascetismo rigoroso.

²³ Para mais pormenores sobre as abluções e as lavagens, cfr. J. DUTHEIL, «As refeições no tempo de Jesus. As práticas judias à mesa», in AA. Vv., *A Eucaristia na Bíblia*, pp. 19-21.

²⁴ O Sábado tinha estas duas refeições mais a refeição que lhe dava início, depois de caída a noite. Convém ter em conta que o dia litúrgico de Sábado começava com o entardecer da Sexta-Feira.

O menú dos israelitas, no tempo de Jesus, constava das bebidas (a água fresca era a bebida habitual [Mt 10, 42; Jo 4, 7-15] e o vinho era habitualmente servido nas refeições de casamento ou de festa [Mt 9, 17; Mc 2, 22; Lc 5, 37-38]) e do alimento essencial, à base de pão cozido com fermento ou sem ele no tempo pascal (Mt 13, 33; Mt 20, 17 [cfr. Ex 12.23]), de peixe assado [Lc 24, 43] ou frito [Mt 15, 36], de ovos (Lc 11, 12) e legumes (Rm 14, 3).

Nas festas, comia-se carne, o vitelo gordo (Lc 15, 23), o touro e os animais gordos (Mt 22, 4) e, como sobremesa, as uvas (1 Cor 9, 7), os figos (Lc 13, 6), as maçãs (Ct 2, 3) e mesmo os favos de mel (Lc 24, 42).

As cozeduras deveriam ser feitas em azeite e as comidas temperadas com ervas aromáticas.

Apesar de os textos do NT serem bastante elípticos quanto ao desenrolar da refeição judaica, as fontes hebraicas permitem-nos saber que as refeições festivas se desenrolavam do seguinte modo: os hóspedes lavavam a mão direita e recebiam uma primeira taça de vinho. Cada um pronunciava a bênção sobre a taça do vinho e sobre os pratos (legumes, carne ou peixe, pão). Depois disso, «corria-se uma cortina para significar que mais nenhum conviva seria admitido e os convivas entravam na sala de jantar, onde tomavam lugar, segundo as regras de precedência»²⁵. Começava aí a refeição propriamente dita, com uma nova ablução e a fracção do pão. Cabia ao dono da casa partir o pão e oferecê-lo a cada um dos convivas para que lhe servisse de alimento e de talher. A bebida (vinho) já estava presente nesta parte, mas era sobretudo na terceira parte da refeição (mais alguns pratos e doces) que se bebia um pouco mais. No fim, os hóspedes e os servos recolhiam as migalhas da festa e procediam de novo às abluções.

Todas as refeições eram vistas como uma bênção (*eulogia, berakah, eucharistia, todah*) e cada uma das suas partes conhecia uma bênção própria. Na festa do Sábado e da Páscoa, havia uma bênção solene para o vinho (*Quiddush*) e bênções próprias para a santificação dos alimentos. Exclusiva da Páscoa era a bênção do cordeiro pascal, das ervas amargas, do pão ázimo e das quatro taças de vinho que marcavam o ritmo da refeição da Ceia Pascal até ao *Hallel* final.

3. Instituição da Eucaristia e questões atinentes (*Novo Testamento*)

Se o AT nos indica já alguns sinais que preparam a Eucaristia e ajudam a percebê-la melhor, é o NT que nos fala dela, porque foi Jesus Cristo quem a instituiu. Importa, todavia, ter em conta que os textos neo-testamentários que

²⁵ J. DUTHEIL, *a. c.*, p. 27.

falam da Eucaristia espelham não só os acontecimentos como a sua interpretação e são tributários, na forma e nos conteúdos, do modo de a celebrar em voga nas primitivas comunidades cristãs²⁶, porque é esse o *Sitz-im-Leben* da sua génese.

Além dos textos acima referidos, abordamos também os que falam das exigências que se colocam a quem celebra e a quem, partindo da celebração, quer orientar cristãmente a sua vida. Por outras palavras, a celebração obedece a determinados requisitos e tem consequências, ao nível individual, na vida dos crentes, e ao nível colectivo, na vida da comunidade, que não podem ser escamoteadas.

3.1. A instituição da Eucaristia

No *NT*, o primeiro sinal consistente da Eucaristia é, sem dúvida, a multiplicação dos pães e dos peixes. Trata-se de um acontecimento que encontramos narrado em todos os evangelistas (cfr. *Mt* 14, 13-21; 15, 32-38; *Mc* 6, 34-44; 8, 1-9; *Lc* 9, 10-17; *Jo* 6, 1-15), o que lhe confere uma credibilidade histórica acrescida (tradição múltipla). Não entramos na sua análise, mas não podemos deixar de registar que o pão partilhado a todos sacia e ainda sobra. Não será este um verdadeiro sinal, com o qual Jesus Cristo foi preparando os seus discípulos e as multidões para que pudessem aceitar melhor a Eucaristia? Certamente!

São quatro os textos do *NT* que relatam a instituição da Eucaristia, o que, por um lado, deixa antever a importância dada ao facto pelos primeiros cristãos e, por outro, dificulta e desaconselha a pretensão da reconstituição histórica do acontecimento, atendendo às diferenças que os caracterizam. São eles: *Mt* 26, 26-29; *Mc* 14, 22-25; *Lc* 22, 14-20; *1 Cor* 11, 23-25.

Um olhar sinóptico sobre todos estes textos sugere-nos algumas considerações que importa destacar: 1) a preocupação dos discípulos não era transmitir integral e rigorosamente o que Jesus disse e fez, na Última Ceia (se assim fosse, as quatro versões seriam coincidentes); 2) mesmo assim, o que Jesus diz e faz espelha o uso judaico, segundo o qual o pão aparece no começo e o vinho no fim da refeição; 3) os textos agrupam-se dois a dois: *Mateus* e *Marcos*, por um lado; *Lucas* e *Paulo*, por outro (alguns chamaram-lhe liturgia de Jerusalém e de Antioquia respectivamente)²⁷.

²⁶ Esta é uma regra básica de leitura dos textos bíblicos que não vale apenas para os textos relativos à Eucaristia, mas, *mutatis mutandis*, para todos, sem excepção.

²⁷ Não é fácil sustentar a razoabilidade de tal afirmação e, talvez por isso, são muitos os que não concordam com a ideia. À parte isso, uma coisa é certa: os textos «não nos contam tudo o que Jesus fez durante a sua última refeição, mas contam-nos como os primeiros cristãos (...) celebravam, na sua liturgia, a memória da sua última refeição» (A. MARCHADOUR, «O Novo Testamento e a Eucaristia», in AA. Vv., *A Eucaristia na Bíblia*, p. 33).

Os relatos em causa são litúrgicos e não descritivos e, por isso, não contam propriamente o que Jesus disse e fez²⁸, mas antes a forma como os primeiros cristãos celebravam este acontecimento, a partir do mandato de Jesus: «Fazei isto em memória de mim». Não custa admitir que Jesus tenha feito e dito o que os textos referem, mas o seu carácter formal e ritual teria sido forjado nas celebrações dos primeiros cristãos.

Quando nos apercebemos que, na *Primeira Carta aos Coríntios*, escrita por volta do ano 55, Paulo apresenta as palavras da instituição da Eucaristia²⁹, só podemos concluir que, pouco tempo após a morte de Cristo, já os primeiros cristãos celebravam a Eucaristia com a fórmula de consagração que ainda hoje usamos.

3.1.1. A última refeição de Jesus

É surpreendente que, estando os relatos da instituição da Eucaristia tão perto dos acontecimentos, haja tantas dúvidas e incertezas acerca da última refeição de Jesus. As omissões, porém, só revelam que as testemunhas oculares dos acontecimentos registaram apenas aquilo que interessava e, segundo as regras da elaboração de um texto litúrgico, reduziram a narração a uma fórmula que diz só o que é estritamente essencial.

A primeira pergunta que ocorre colocar-se aos textos é: que tipo de refeição é esta em que Jesus come com os seus discípulos e na qual institui a Eucaristia? Uma refeição pascal ou uma refeição de despedida? A questão anda associada à data da instituição da Eucaristia e a opção por uma ou por outra determina necessariamente o sentido dos gestos e palavras de Jesus.

Durante muito tempo, tendo como prova os Sinópticos (*Mc 14, 12.14*) e atendendo ao carácter simbólico-teológico do Quarto Evangelho, pensou-se que se teria tratado de uma refeição pascal. J. Jeremias foi um dos defensores desta ideia³⁰. Os textos, porém, orientam-nos em sentido contrário, pelas razões que, a seguir, se expõem: 1) falam em preparar a Páscoa, mas não identificam a refeição com a Páscoa judaica (nem sequer falam do cordeiro pascal); 2) a paixão de Jesus, como é descrita, suporia muitas violações da Lei, pois teria acontecido

²⁸ Se é certo que alguns exegetas defendem que estas narrações contêm as próprias palavras de Jesus, a prudência - diferente do cepticismo - sugere que não se negue essa possibilidade, mas também que não se afirme categoricamente. É possível, mas rigorosamente não sabemos.

²⁹ É provável que Paulo tenha tido acesso a elas na sua primeira viagem a Jerusalém (por volta de 36-38) ou, porventura, quando chegou a Antioquia (por volta de 40). Num caso ou noutro, o tempo que medeia a instituição da Eucaristia e o conhecimento que Paulo teve da fórmula da sua celebração é de aproximadamente dez anos.

³⁰ J. JEREMIAS, *La dernière Cène. Les paroles de Jésus*, ed. du Cerf, Paris 1972, pp. 42-46.

no próprio dia da Páscoa judaica (nada provável ou até impossível); 3) o texto de João, não falando da instituição da Eucaristia, fala da última refeição de Jesus com os seus, onde pronuncia o «discurso do adeus» (cc. 13-17) e manifesta a suas vontades últimas.

A ser assim, a ceia de Jesus com os seus discípulos teria acontecido na noite anterior à Ceia pascal. Desse modo, o desenrolar do processo da paixão de Jesus teve lugar no próprio dia da Ceia, antes do entardecer, o que ajuda a compreender Jo 18, 28 («De Caifás, levaram Jesus à sede do governador romano. Era de manhã cedo e eles não entraram no edifício para não se contaminarem e poderem celebrar a Páscoa») e 19, 31 («Como era o dia da Preparação da Páscoa, para evitar que no Sábado ficassem os corpos na cruz...»).

João apresentará, assim, as tradições históricas mais seguras: Jesus foi preso na noite anterior à Ceia Pascal, julgado e crucificado no dia seguinte, antes do entardecer, à hora em que, na esplanada do Templo, eram imolados os cordeiros para a celebração da Ceia Pascal. À fidelidade histórica, João associa a profunda carga simbólica da imolação do verdadeiro cordeiro pascal, Jesus, não no Templo, mas fora das muralhas de Jerusalém.

Nesse caso, não se tratou de Ceia Pascal, mas de uma refeição de adeus ou despedida em que, num ambiente familiar e apropriado para o efeito, Jesus fez comunicações íntimas aos seus discípulos e revelou-lhes as suas últimas vontades. A ceia assume o estatuto de refeição testamentária³¹.

Aqui que se inspira e fundamenta o actual esquema litúrgico do Tríduo Pascal: instituição da Eucaristia/lava-pés (Quinta Feira Santa), condenação e crucifixão de Jesus (Sexta Feira Santa), sepulcro (Sábado Santo, dia da Páscoa judaica), ressurreição de Jesus, no dia a seguir ao Sábado, que, por ser o dia do Senhor, assume a designação de Domingo.

3.1.2. O sentido dos gestos e palavras de Jesus

Resolvida, em parte, a questão da tipologia da última ceia de Jesus (ficou por resolver a dissensão entre os Sinópticos e João³²) e sem a pretensão de encontrar nos textos as *ipsissima verba* de Jesus (os cristãos retiveram dessas palavras aquilo que entenderam ser útil à fundamentação da sua prática euca-

³¹ A Sagrada Escritura testemunha a existência da fórmula literária dos «discursos de adeus» (Gn 49; Dt 33, 1-29; Jo 13-17; Act 20, 17-38; 1 Tm 4, 1; 2 Tm 3, 1-4.10), com conteúdos e motivos literários comuns, que apresentam como *Sitz im Leben* comum o decurso de uma refeição.

³² Com base no calendário festivo dos essênios, A. Jaubert construiu uma teoria explicativa desta dissensão que expõe no seu livro *La date de la Cène*, ed. Gabalda, Paris 1957. Sem entrarmos em pormenores, a teoria de A. Jaubert pressupõe que Jesus tenha celebrado a Páscoa seguindo o calendário essénio, o que, além de pouco fundado, é altamente improvável.

rística), voltamos à questão fundamental: o sentido dos gestos e das palavras de Jesus. Apesar das diferenças entre os relatos, eles são concordes no essencial e dois são os gestos e as frases transversais a todos os relatos da instituição da Eucaristia:

– «Isto é o meu corpo». Trata-se de uma frase nominal que estabelece uma equação simples: o pão é o corpo de Jesus Cristo (isto = meu corpo) e é assim que sempre foi entendida na história da Igreja até à Reforma Protestante. Nessa altura, os protestantes mudaram o paradigma interpretativo e começaram a defender que Jesus Cristo queria dizer «isto simboliza o meu corpo». Dado que a gramática hebraica torna insustentável esta leitura, mantemos a primeira.

– «Isto é a aliança no meu sangue». É uma afirmação paralela à primeira, reforçando-a e esclarecendo-a: o corpo e o sangue remetem para o ser na sua totalidade³³. A alusão à morte está aqui presente na imagem do sangue derramado. Pela sua morte, Cristo estabelece a «nova e eterna aliança» com os homens. Curioso é notar que a referência à aliança aparece em todos os textos da instituição da Eucaristia, o que deixa antever a possibilidade de Jesus articular a sua morte com a aliança do êxodo. Além disso, a expressão «sangue derramado por muitos», uma referência à figura do Servo de Isaías, confere valor salvífico à morte de Jesus.

Os discípulos aparecem associados à morte de Jesus e à aliança que, dessa forma, é estabelecida com os homens, porque participam nesta refeição com o próprio Jesus (comer com alguém é ter algo em comum com essa pessoa) e, de acordo com o mandato «fazei isto em memória de mim», começam a celebrá-la, à semelhança do Mestre. Por isso, guardaram o essencial daquilo que, na Última Ceia, se passou, sendo de supôr que fixaram bem as palavras de Jesus, dada a importância e transcendência do acontecimento.

3.2. A Eucaristia em Lucas e Actos

Salta à vista a importância que o evangelista Lucas dá à comensalidade de Jesus com os seus discípulos e é neste contexto que deve situar-se a questão da Eucaristia em *Lucas* e *Actos*. O autor do evangelho não apenas relata a instituição da Eucaristia (22, 14-20), mas apresenta sobre ela uma verdadeira catequese, o interessante e denso texto dos discípulos de Emaús (*Lc* 24, 13-35)³⁴.

³³ J. Jeremias regista que, no hebraico antigo, a expressão «basar wadam» (a carne e o sangue) «designa as duas partes do corpo, sobretudo da vítima do sacrifício, que vão ser separadas ao morrer» (J. JEREMIAS, *o. c.*, p. 264).

³⁴ São inúmeros os estudos sobre este texto lido na sua perspectiva eucarística. Cito apenas três para aprofundamento: B. CHENU, *I discepoli di Emmaus*, ed. Queriniana, Brescia 2005; N. CHI-

Na sua formação, muito teriam interferido os ensinamentos dos primeiros cristãos sobre a presença de Cristo ressuscitado na «fracção do pão», isto é, na celebração da Eucaristia.

No desenvolvimento do texto, percebe-se com facilidade as duas partes da celebração: *Cristo recorda e explica as Escrituras* (Palavra) e, de seguida, à mesa, *parte o pão* (Eucaristia). Se, no início, não o reconheceram, depois perceberam que Cristo estava vivo na Palavra proclamada e no pão partido, acorrendo a juntar-se à comunidade e a contar «o que lhes tinha acontecido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer, ao partir o pão» (v. 35).

O que o autor do Terceiro Evangelho pretende com esta catequese eucarística é sugerir aos cristãos do seu tempo e de todos os tempos que a Eucaristia é o «lugar» da descoberta de Jesus Ressuscitado que, embora invisível, não deixa de estar presente quando a comunidade reconhece a coerência dos acontecimentos com as Escrituras e faz o percurso que vai da Palavra ao Pão da Eucaristia, guiada pelo próprio Ressuscitado. Uma vez descoberto o Ressuscitado, não pode a comunidade cristã aprisioná-lo (torna-se invisível) nem guardar para si esta experiência (deve a comunidade fazer memória narrativa do facto vivido e constatado).

Dos primeiros cristãos diz ainda o livro dos *Actos dos Apóstolos*: «eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à *fracção do pão* e às orações» (*Act* 2, 42). Além de ser sugestiva a ordem pela qual aparecem, é também interessante notar que a expressão «fracção do pão» é, neste livro, como no Terceiro Evangelho – o autor é o mesmo –, uma expressão própria para falar da Eucaristia³⁵.

As primitivas comunidades cristãs associavam à fracção do pão o pôr tudo em comum e a partilha dos bens materiais (cfr. *Act* 2, 44). Mais tarde vai ser Ireneu de Lyon (séc. II) a dizer que «não acorrer em socorro das necessidades de outrem é renegar o ‘ágape’ do Senhor!».

3.3. A Eucaristia em Paulo

As referências de Paulo à Eucaristia aparecem, como vimos, na *Primeira Carta aos Coríntios*: em 10, 16-17 e sobretudo em 11, 17-34. São dois textos de

NELLO, «I discepoli di Emmaus e l'Eucaristia», in *Parola di Vita*, 16 (1971), pp. 352-363; A. COUTO, «'Reconheceram-no no partir do pão' Lectio divina de Lc 24, 13-35 que ilumina a vivência e celebração da Eucaristia», in AA. VV., *3º Congresso Eucarístico Nacional. Actas*, ed. Universidade Católica Portuguesa / Conferência Episcopal Portuguesa, Braga 1999, pp. 83-91.

³⁵ Cfr. M. GOURGUES, *Missão e comunidade. Actos dos Apóstolos 1-12*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 1991, pp. 48-49.

natureza diferente, mas com uma única preocupação: corrigir a comunidade de Corinto acerca de desvios e exageros que, a propósito da Eucaristia, estava a praticar, adulterando o sentido do que celebrava.

3.3.1. 1 Cor 10, 16-17

¹⁶O cálice de bênção, que abençoamos, não é comunhão com sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? ¹⁷Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão.

Depois de em 10, 1-13, Paulo advertir os cristãos de Corinto para que confiem na ajuda de Deus para a tentação, faz-lhes o convite claro a que fujam da idolatria (v. 14), coloca duas questões retóricas (v. 16) e faz uma afirmação contundente (v. 17).

A ordem pela qual Paulo se refere ao cálice, em primeiro, e ao pão, em segundo – na liturgia judaica e em 1 Cor 11, 24-27 acontece o contrário –, não espelha nenhuma liturgia particular invertida, mas é exigida pelo v. 17, em que o autor se serve da participação no único pão para reafirmar a unicidade do corpo formado pelos muitos cristãos.

A expressão «cálice de bênção» é claramente judaica e «designa, entre os judeus, um cálice sobre o qual, no final de qualquer refeição festiva onde se bebe vinho, o presidente da refeição recita uma oração de louvor. Na refeição pascal, este cálice é o terceiro, numa série de quatro»³⁶.

A expressão «o pão que partimos» evoca um gesto típico da Eucaristia que lança as suas raízes na refeição hebraica, onde o pão não podia faltar. No começo da refeição, o que presidia à mesa – o chefe da casa habitualmente – tomava o pão colocado diante dele, pronunciava a oração e depois partia-o em pequenos bocados, entregue um a cada um dos convivas. Por último, partia para si mesmo e comia, dando-lhes um sinal de que podiam comer a sua parte³⁷.

Se estas expressões e gestos mergulham as suas raízes no judaísmo, há neste texto aspectos que são especificamente cristãos: as expressões «comunhão (κοινωνία) com o sangue de Cristo» e «comunhão com o corpo de Cristo». Paulo usa a palavra κοινωνία em diversas circunstâncias (2 Cor 13, 3; Gl 4, 6-7; Rm 8, 14-17) e com alguma liberdade. As palavras «comunhão» ou «participação» traduzem bem o significado do termo κοινωνία e situam-nos no uso e sentido cristãos do termo.

³⁶ S. LEGASSE, «Eucaristia em S. Paulo», in AA. VV., *A Eucaristia na Bíblia*, p. 42.

³⁷ Cfr. J. JEREMIAS, *o. c.*, p. 125.

A frase seguinte («uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão»), ritmada entre o *um* e o *todos* e estruturada com base num quiasmo (A: um único pão; B: nós, muitos; B': todos (nós); A': único pão), atesta a primeira aplicação paulina da noção de corpo de Cristo à comunidade cristã. Já não é só o corpo de cada um que é membro de Cristo (1 Cor 6, 15) ou templo do Espírito Santo (1 Cor 6, 19), mas é a comunidade cristã que forma o corpo de Cristo, porque se alimenta do mesmo cálice e do mesmo pão³⁸.

A referência explícita aos israelitas que comem as vítimas em comunhão com o altar (v. 18), i. é, em comunhão com Deus, e ao sacrifício das vítimas situados em ambiente cultural e permite-nos concluir que Paulo não está a falar de uma simples refeição, mas da Eucaristia.

Com estas afirmações, Paulo pretende sublinhar a incompatibilidade, a exigir separação clara, entre a participação na mesa do Senhor e nos cultos aos ídolos: «eu não quero que estejais em comunhão com os demónios. Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demónios; não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa dos demónios» (1 Cor 10, 20-21).

3.3.2. 1 Cor 11, 17-34

¹⁷Feitas estas advertências, não posso louvar-vos: reunis-vos, não para vosso proveito, mas para vosso dano. ¹⁸Em primeiro lugar, ouço dizer que, quando vos reunis em assembleia, há divisões entre vós, e em parte eu acredito. ¹⁹É mesmo necessário que haja divisões entre vós, para que se tornem conhecidos aqueles que dentre vós resistem a esta provocação.

²⁰Quando, pois, vos reunis, não é a ceia do Senhor que comeis, ²¹pois cada um se apressa a tomar a sua própria ceia; e enquanto um passa fome, outro fica embriagado. ²²Porventura não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm? Que vos direi? Hei-de louvar-vos? Nisto, não vos louvo.

²³Com efeito, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: o Senhor Jesus na noite em que era entregue, tomou o pão ²⁴e, tendo dado graças, partiu-o e disse: 'Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim'. ²⁵Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice e disse: 'Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em memória de mim'. ²⁶Porque, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.

³⁸ A noção da Igreja universal como corpo de Cristo aqui enunciada aparece também em *Cl* 1, 18.24 e em *Ef* 1, 23; 5, 23.29.30.

²⁷Assim, todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor. ²⁸Portanto, examine-se cada um a si próprio e só então coma deste pão e beba deste vinho; ²⁹pois aquele que come e bebe, sem distinguir o corpo do Senhor, come e bebe a própria condenação. ³⁰Por isso, há entre vós muitos débeis e enfermos e muitos morrem. ³¹Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados; ³²mas, quando somos julgados pelo Senhor, Ele corrige-nos, para não sermos condenados com o mundo. ³³Por isso, meus irmãos, quando vos reunirdes para comer, esperai uns pelos outros. ³⁴Se algum tem fome, coma em casa, a fim de não vos reunirdes para vossa condenação».

Ao contrário do que fizera Jesus Cristo, a comunidade de Corinto havia relegado para o final da refeição a acção e as palavras sobre o pão e o vinho, como lhe tinha ensinado o seu fundador, o que testemunha uma intensificação dos aspectos cultural e ritual da celebração da Eucaristia. O problema é que esta modalidade da celebração no fim de uma refeição foi dando aso a diversos exageros e tornou-se fonte de divisões e discórdias no seio da comunidade, a que era preciso pôr termo (cfr. 11, 21). A solução não passava propriamente pelo apelo à partilha, mas por separar radicalmente as duas refeições (cfr. 11, 22.34)³⁹, «não porque pudesse ser falta de respeito para com Cristo o comer os alimentos eucarísticos depois de se ter alimentado com os alimentos profanos, mas pelo facto de essas refeições, por causa de desigualdades demasiado visíveis, provocarem divisões e assim se oporem ao significado da Eucaristia»⁴⁰. A preocupação não se centra no aspecto cultural, ritual ou litúrgico da Eucaristia, mas na participação digna na ceia eucarística.

À componente correctiva e descritiva associa Paulo, no v. 26, o aspecto doutrinal: «todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha». Não sabemos ao certo como era a celebração no tempo de Paulo, mas não podia ser mais clara a associação entre a Eucaristia e a morte de Cristo, especificando aquilo que já estava implicitamente afirmado nas palavras de Jesus: «Isto é o meu corpo entregue por vós» e «este é o cálice da nova aliança no meu sangue». A celebração da Eucaristia não renova a morte do Senhor (como fazer morrer de novo aquele que vive para sempre?), mas anuncia-a, torna-a sacramentalmente presente e proclama a sua Ressurreição.

³⁹ A sugestão de Paulo para a comunidade de Corinto não se tornou norma absoluta para toda a Igreja, dado que há testemunhos da celebração da Eucaristia após a refeição da caridade fraterna (ágape), no séc. II da era cristã. É, contudo, uma prática que, com o tempo e talvez em virtude dos exageros, a Igreja vai abandonar.

⁴⁰ S. LEGASSE, *o. c.*, p. 52.

Além disso, a Eucaristia não era para Paulo a antecipação do banquete futuro, como o era no Antigo Testamento, mas sim o banquete da Igreja peregrinante que acabará aquando da vinda do Senhor («anunciais a morte do Senhor até que ele venha»).

3.4. A Eucaristia em João

O evangelho de João é o evangelho da Eucaristia, por excelência. Consagra cinco capítulos à última refeição de Jesus com os seus discípulos (cfr. 13-17), mas nada diz acerca da sua instituição. Por que motivo? Alguns afirmaram que isso tem a ver com o seu anti-docetismo ou a sua anti-sacramentalidade (E. Schweizer⁴¹ e R. Bultmann⁴² respectivamente), outros explicaram-na pela lei do arcano⁴³ (J. Jeremias⁴⁴). Contudo, nenhuma destas explicações assume contornos absolutos.

Não é por a não conhecer que João omite a instituição da Eucaristia (quando ele escreve, os cristãos já celebravam a Eucaristia há mais de cinquenta anos), mas talvez pelo facto de não sentir necessidade disso, dado que a instituição da Eucaristia era já bem conhecida dos primeiros cristãos, um conhecimento baseado nos textos e na prática sacramental.

João transmite um outro rito que exprime perfeitamente o significado da Eucaristia: o *lava-pés* (Jo 13, 1-20)⁴⁵. Há, de facto, muitas semelhanças entre o relato da instituição da Eucaristia e este relato: ambos têm lugar no decurso de uma refeição, na presença dos discípulos; ambos constam de um rito acompanhado de palavras interpretativas e nos dois casos se formula o convite a repetir o rito (Lc 22, 19; Jo 13, 15). O contexto é também muito idêntico (comparar Lc 22, 21-23 com Jo 13, 22-30 e Lc 22, 31-32 e Jo 13, 8).

Sem entrar em mais pormenores, o que João pretende dizer é que o rito da Eucaristia não faz sentido se não for acompanhado do serviço e do amor ao próximo que animou o mestre durante toda a sua vida e, de forma mais visível e intensa, durante a refeição do adeus (Lc 22, 24-27 e Jo 13, 13-16). Podemos até afirmar a precedência da atitude interior sobre o rito, a ponto de este não fazer sentido sem aquela.

Além disso, João dedica um capítulo inteiro (capítulo 6) ao discurso do Pão da Vida, a propósito do relato da multiplicação dos pães e dos peixes (6, 1-15).

⁴¹ E. SCHWEIZER, «Das Herrenmahl im NT», in *Neotestamentica* 1963, pp. 367-370.

⁴² R. BULTMANN, *Theologie des NT*, Tübingen, 1953.

⁴³ A lei do arcano consistia em esconder aos pagãos e aos catecúmenos o mistério da Eucaristia, por motivo da sua sacralidade. Só depois do baptismo se podia participar neste sacramento e, por isso, os catecúmenos se ausentavam da celebração após a explicação das leituras proclamadas (homilia).

⁴⁴ J. JEREMIAS, *o. c.*, pp. 133-148.

⁴⁵ Para estudo mais aprofundado, cfr. X. LÉON-DUFOUR, *o. c.*, pp. 283-286; Y. SIMOENS, *Selon Jean, III. Une interprétation*, ed. Institut d'Études Théologiques, Bruxelles 1997, pp. 571-584.

É um capítulo eucarístico, assim o defende a maior parte dos padres da Igreja e dos exegetas, de que retemos duas afirmações de Jesus que provam aquilo que acabámos de dizer: «Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não mais terá fome e quem crê em mim jamais terá sede» (v. 35); «Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo» (v. 51).

O texto de João, de notável carga simbólica e significativa tonalidade eucarística, remete claramente para o êxodo e para o maná⁴⁶ (*Ex* 16, 1-21; *Nm* 11, 1-15; *Sl* 78, 23-28; *Sb* 16, 20-29) e deixa entrever que o que aqui está em jogo, tal como no êxodo, é a fé ou a descrença⁴⁷ em Deus que alimenta o seu povo e em Jesus Cristo, «pão da vida» (*Jo* 6, 35.48).

Conclusão parcial

O *AT* e o período inter-testamentário são os períodos em que situámos os antecedentes ou pressupostos da Eucaristia, desde a mesa do sacrifício ao êxodo-maná-Páscoa, sinais eloquentes da importância do alimento, da convivência e da dimensão celebrativa da vida e da fé de um povo.

Porém, é o *NT* quem nos dá conta do processo e dos modos da celebração da Eucaristia no seio das comunidades cristãs, porque instituída por Jesus Cristo. Dessa forma, a Igreja dá cumprimento à ordem de Jesus: «Fazei isto em memória de mim».

A partir dos evangelhos, podemos concluir que a Eucaristia foi instituída por Jesus Cristo, na Última Ceia, e, desde logo, celebrada pelos cristãos. Não custa admitir que as fórmulas «Isto é o meu corpo» e «Este é o cálice do meu sangue» sejam a reprodução das próprias palavras de Jesus.

Orientados pelo evangelista João, é pacífico deduzirmos que não faz sentido participar no memorial da Última Ceia de Cristo se, na vida, não se faz como o Mestre que, no gesto simbólico de lavar os pés aos discípulos, deixou como exigência para os seus futuros discípulos a atitude humilde do serviço aos outros que prepara a Eucaristia, a prolonga e dá verdade e coerência.

Com Paulo, registámos duas conclusões fundamentais relacionadas com a Eucaristia e a vida: 1) não faz sentido celebrar a Eucaristia quando se anda desavindo ou quando ela é motivo de divisão, porque, pela Eucaristia, formam um só corpo aqueles que comungam do mesmo pão; 2) não faz sentido celebrar

⁴⁶ Sobre o assunto, cfr. A. MARCHADOUR, «A Eucaristia no Evangelho de S. João», in AA. Vv., *A Eucaristia na Bíblia*, pp. 60-61.

⁴⁷ Prova disso é a pergunta «como pode ele dar-nos a sua carne a comer?» (v. 52), porque, em João, o *como* é frequentemente o sinal da descrença.

a Eucaristia e oferecer sacrifícios aos ídolos ou aos demónios. Na verdade, o que o apóstolo Paulo quer dizer é que não está certo que, na Eucaristia, se preste culto a Deus e, na vida, se viva esquecido de Deus e dos outros, prestando culto a outros deuses ou ignorando os irmãos.

O artigo continua no próximo número, desenvolvendo a segunda parte do título: *A Bíblia na Eucaristia*.